

Resenha

A HISTÓRIA DA PSICANÁLISE ENTREVISTA POR TESTEMUNHOS VIVOS

Resenha de SELAIBE, M. e CARVALHO, A. (orgs.). *Psicanálise entrevista*. São Paulo: Estação Liberdade, 2014, vol. 1, 392 p.

Adela Stoppel de Gueller

Psicanalista. Doutora em Psicologia Clínica pela PUC-SP e pós doutoranda pela Uerj. Professora do curso de especialização em Teoria Psicanalítica da Cogea-PUC-SP e do curso de especialização em Psicanálise da criança do Instituto Sedes Sapientiae. E-mail: adela@gueller.com.br

O material que compõe o livro *Psicanálise entrevista* não é novo já que consiste num compilado de entrevistas publicadas em *Percurso – Revista de Psicanálise* ao longo de 25 anos, realizadas por uma equipe especialmente dedicada a essa tarefa. No entanto, o resultado é completamente novo. Isso porque a edição, na forma de um livro, permitiu que entrevistas recopiladas ao longo de 1/4 de século possam dialogar ao ser lidas de modo sincrônico.

Há, nesse primeiro volume, 18 entrevistas realizadas com autores relevantes da história da psicanálise cujas produções estão compreendidas entre os anos 1950 até nossos dias, o que constitui um retrato muito particular da produção psicanalítica das últimas décadas. Psicanalistas contemporâneos como

Jean-Bertrand Pontalis, André Green e Jean Laplanche com percursos que se cruzaram e se abriram em direções diferentes ecoam e dialogam de um modo inédito de modo que, por exemplo, a teoria da representação generalizada pode dialogar com a teoria da sedução generalizada. O que cada uma recorta e reativa da obra de Freud ou, seguindo o conceito proposto por Le Guen (p. 103-123), como a história da psicanálise pode ser resignificada *a posteriori* criando novas versões?

Desse modo, *Psicanálise Entrevista* areja a psicanálise e com isso a revigora. Faz-nos passear por línguas e territórios variados, através de narrativas singulares sobre a história da psicanálise, principalmente sobre a história de suas instituições. Trata-se de testemunhos vivos que tocam o leitor.

Mania Deweik, na introdução a entrevista de Marcelo Viñar, diz que “ao longo dos anos a revista *Percurso* vem publicando textos que abordam questões a respeito da alteridade, da xenofobia, da violência e da marginalidade, do trauma e da vulnerabilidade, da exclusão social, da condição do sujeito no terceiro milênio, da diferença” (p. 219). E os relatos dos entrevistados confirmam que essas temáticas refletem que, apesar da diversidade de posicionamentos teóricos, há uma certa preferência nos autores escolhidos pela equipe da *Percurso*.

São autores que têm voz própria, muitos são “rebeldes” ou não alinhados e ainda defendem isso como uma postura que possibilita

que a psicanálise continue tendo o que dizer. Esse retrato reflete o modo de pensar a psicanálise dentro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae: defesa da pluralidade e do não alinhamento a oficialidade da IPA.

Pontalis, numa longa entrevista, fala de sua aproximação à psicanálise, de sua relação com Lacan como paciente e aluno, do *Vocabulário* e de seus livros não psicanalíticos, deixando-nos entrever sua participação em momentos importantes de criação e rupturas institucionais e comentando que, para ele, foi mais importante sua participação nos seminários que sua experiência de análise com Lacan. Dá um importante destaque ao *infans* e ao que escapa a linguagem assim como a aquilo que é experienciado do sonho para além do texto do sonho.

Com Green acompanhamos a importância da noção de irrepresentável que tenta articular a primeira e a segunda tópica, destacando o ingresso das pulsões no psiquismo e o momento em que a representação perdeu seu lugar central na obra de Freud.

Laplanche utiliza uma expressão eminentemente política: “fazer justiça ao texto” para marcar sua diferença com o lacanismo. Para ele, é importante deixar claro o que é da interpretação e o que é do próprio Freud e propõe fazer trabalhar os conceitos mais do que trabalhar com eles.

Jean Oury, figura pouco conhecida entre nós, merece um especial destaque. Narra como fundou a clínica La Borde e porque ficou 27 anos em análise com Lacan: “Sou incurável”. Fala também sobre sua participação no júri de aprovação de analistas que faziam

o passe, experiência que encerrou quando os passadores começaram a ter um discurso que parecia “estar voltando a Idade Média” (p. 89). Ficamos sabendo que ele fez um importante trabalho institucional e defendeu que os pacientes tinham que ter um cotidiano, ou seja, uma vida com encontros ao acaso. “Se não chegamos às celas, à contenção, às câmeras”. Nesse mesmo sentido, critica duramente a neutralidade absoluta do analista (p. 91).

Claude Le Guen é o primeiro da série que pensa contra Lacan e defende uma psicanálise francesa “não há nada mais estimulante do que ter alguém para combater.” (p. 108). Comenta acidamente a legião de “pequenos Lacan que começou a fazer como ele, mas sem ter a sua genialidade, o que acarretou sérias consequências” (p. 108) e, por isso, aconselha aos jovens psicanalistas: “não tenham um mestre” (p. 123). Destaca o lugar da história e sua transformação *a posteriori* na análise e postula um masoquismo ordinário da mulher que confere singularidade ao Édipo feminino e remete a uma identificação recíproca precoce entre mãe e filha (p. 122). Reconhece também que algumas postulações de Green se aproximam das dele.

Joyce McDougall faz pontes entre a psicanálise inglesa, francesa e norte-americana “Ao lado dos mestres encontramos sempre discípulos que nunca encontraram uma verdadeira introjeção ou identificação no sentido psicanalítico desse termo ...em vez disso, eles dispersam sua energia na tentativa de converter os outros” (p. 127). Ela passou pela Clínica Hampstead, dirigida por Anna Freud, assistiu as entrevistas que Winnicott

fazia com mães e crianças no Paddington Green Hospital e depois na França acompanhou os cursos de Lacan.

O psiquismo infantil é construído de um modo pré-linguístico, diz ela, apesar do fato de que as primeiras trocas entre a mãe e o bebê ocorrem num ambiente infiltrado pela linguagem e organizada em torno de um sistema de significações e signos verbais. Mas, ao mesmo tempo, uma outra linguagem está sendo transmitida. (p. 129)

Pensou sobre essa base as reações psicossomáticas e os entraves a criatividade.

Otto Kernberg é o porta-voz norte-americano. Ele fala da importância da psicanálise participar ativamente das políticas sociais. Chama a atenção sua pesquisa sobre crianças em risco de psicopatias (*children at risk*). Fala da detecção precoce de patologias importantes como um modo de participar de problemas importantes na sociedade (p. 140). Defende a psicanálise na universidade como um lugar onde é possível um pensamento crítico fora de dogmas. “Estamos obrigados a olhar para fora e para dentro, e combinar a realidade psíquica com a realidade social” (p. 153).

Mas, como comenta o psicanalista uruguaio Marcelo Viñar (p. 219-240), “não podemos chegar a categorias estáveis e estabelecer, por exemplo, o diagnóstico de antissocial, de sociopata – como na noção de narcisismo maligno (de Kernberg) – que estabiliza categorias semiológicas ou nosológicas onde o mal está substancializado. Esses não parecem caminhos oportunos” (p. 233). E, podemos agregar, muito mais nesses tempos de medicalização da infância!

Aliás, curiosamente é com o mesmo autor que Sérgio Paulo Rounaet, também polemiza (p. 360): “Eu tinha dito, por exemplo, que a defesa da paz era uma preocupação fundamental. Aí Kernberg retrucou ‘...me parece que existe ideologia por detrás disso...como assim, defesa da paz?’”.

Isaias Melsohn, que participou da fundação do curso de Psicoterapia Psicanalítica no Instituto Sedes Sapientiae em 1976, embora pertencesse a Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo “sempre batalhou por uma posição mais aberta e democrática” (p. 154), fez uma construção original articulando à psicanálise conceitos da semiótica e da fenomenologia e disse que “o papel da vida mental é integrar corpo e mundo humano” (p. 166).

Emilio Rodrigué, argentino radicado em Brasil desde 1975, teve uma participação importante no movimento da saúde mental e no grupo Plataforma, que repercutiu no mundo inteiro pelo questionamento e ruptura com a instituição. Ele, que também é autor de *Sigmund Freud, o século da psicanálise: 1895-1995*, comentou, em tom humorístico, a matéria de Le Monde escrita por Marie Huret que fala sobre seu trabalho “Rodrigué é um escritor, coisa que Ernest Jones não é; Rodrigué é um psicanalista, coisa que Peter Gay não é” (p. 183).

Radmila Zygouris exerce uma liberdade de pensamento e transita entre línguas e escolas.

A única coisa que me parece lamentável é o fato de Lacan, fora de sua tese de doutorado – que afinal é uma tese em psiquiatria e não em psicanálise – ter falado muito pouco sobre

clínica. Temos muito poucos fragmentos de sua clínica. Ao mesmo tempo, ele sempre criticava a clínica dos outros. E isso foi transmitido – as pessoas foram seguindo ele nisso. No entanto, eu aprendi muito dos anglo-saxões que têm muita liberdade de pensamento sobretudo porque nas suas exposições incluem a clínica. (p. 194)

Ela considera que o psicanalista que não consegue ser um bom psicoterapeuta não é analista (p. 205).

Monique Schneider se alinha a Conrad Stein e, junto com ele, diz ter uma posição um tanto solitária. Diz ter a impressão de ser “uma francoatiradora” (p. 210). Trabalha com os contos populares como correspondendo a um recalcado cultural e lhe interessa também pensar as exclusões. “As formas de exclusão mais sádicas não são talvez as do massacre, mas aquelas que, ao lado do martírio mais extremo, se faz com que as vítimas ou partes dela, sobreviva” (p. 217). “O bárbaro é visto como não fazendo parte do campo simbólico... ele está aquém da linguagem” (p. 217).

Marcelo Viñar diz, “penso que nenhuma vítima pode ter um reconhecimento sacrificial pelo resto da existência. Ela tem um dever de memória, mas tem que libertar-se da memória do horror” (p. 237). Isso soa diferente quando pensamos que ele próprio viveu o traumatismo do exílio e da tortura em Uruguai. “É necessário que o testemunho transcenda o grupo dos que sofrem, que haja uma comunidade de escuta, que seja sensível e liberte a vítima do seu lugar de sofrimento” (p. 237).

A última entrevista é a Sérgio Paulo Rouanet, ela ocupa esse lugar por ser o único não psicanalista a ter lugar em *Psicanálise*

Entrevista, possibilitando um instigante olhar de fora. Ele questiona a contribuição da psicanálise no sentido de tentar compreender os grandes problemas de nosso tempo (p. 359).

Em que medida os esforços do próprio Freud de tentar entender as macroestruturas e os fatores que condicionam a sociedade, a história contemporânea, etc, continuam sendo levados em frente? Em que medida várias patologias graves de nossa sociedade como, por exemplo, o imperialismo, o atual belicismo norte-americano, o renascimento dos fundamentalismos, a regularização das identidades étnicas, nacionais (com o que isso comporta de perigoso) estão sendo objeto de uma análise teórica a partir de categorias psicanalíticas? (p.360)

Aí é que entra a minha pergunta: em que medida não podemos voltar a esse Freud, que ao mesmo tempo que pensava em neuroses individuais, pensava também a neurose da civilização? (p. 362)

Esses são alguns extratos das falas implicadas dos entrevistados nesse primeiro volume de *Psicanálise Entrevista*, recortadas em função, não de uma síntese impossível, mas de uma entrevista parcial que enseja instigar a curiosidade do leitor para fazer sua própria experiência de mergulho nos textos.

Recebido em 14/8/2014; Aprovado em 16/9/2014.